
**“ISSO JÁ PASSOU, TÁ GERAL SE PEGANDO JÁ”:
INVESTIGANDO OS USOS DO GRINDR EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**‘IT’S OVER, EVERYBODY IS HOOKING UP ALREADY’:
INVESTIGATING THE USES OF GRINDR IN TIMES OF PANDEMIC**

**“ESO YA PASÓ, GENERAL ESTÁ QUEDANDOSE YA”:
INVESTIGANDO LOS USOS DE GRINDR EN TIEMPOS DE PANDEMIA**

Ruann Moutinho Ruani¹
Marcelle Medeiros Teixeira²
Dilton Ribeiro Couto Junior³

RESUMO

Este artigo, recorte de pesquisa de mestrado recentemente finalizada, propõe-se a conhecer práticas de namoro/“pegação” de homens *gays* que vêm utilizando o aplicativo Grindr na pandemia. Para isso, adotamos o método da cartografia e entendemos que o trabalho investigativo da/o cartógrafo/a encontra-se aberto à imprevisibilidade das práticas cotidianas ao buscar acompanhar os processos que formam o “relevo da paisagem”. Com os subsídios teórico-metodológicos da cartografia, conversamos com quatro homens *gays* pelo WhatsApp entre julho de 2020 e abril de 2021. Apostamos na conversa *online* como procedimento metodológico e interagimos com os sujeitos mediante uma postura investigativa alteritária que valoriza a horizontalidade das vozes, ou seja, buscamos romper com a ideia de que pesquisadoras/es colocam-se na posição de superioridade em relação aos interlocutores da pesquisa. A conversa com os sujeitos evidenciou que, enquanto não houver maior conscientização da população sobre os perigos da COVID-19, continuaremos assistindo jovens e adultos contribuindo para que o novo coronavírus continue circulando.

PALAVRAS-CHAVE: Grindr. Homens *gays*. Pandemia. Educação.

ABSTRACT

This article, an excerpt from a Master thesis, aims to learn about dating/“hooking up” practices of gay men who have been using the Grindr app in the pandemic. To do so, we adopted the method of cartography and we understand that the investigative work of the cartographer is open to the unpredictability of everyday practices when seeking to follow the processes that form the landscape. With the theoretical-methodological subsidies of cartography, we spoke with four gay men through WhatsApp between July 2020 and April 2021. We conducted online conversation as a methodological procedure and we interacted with the subjects through a posture that values the horizontality of voices, leading with the disruptions of the idea that researchers place themselves in a position of superiority in relation to the subjects. The conversation with the subjects showed that if there is no

Submetido em: 08/09/2021 – **Aceito em:** 01/03/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Mestranda (bolsista FAPERJ) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

³ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ.



greater awareness of the population about the dangers of COVID-19, we will continue to see young people and adults contributing to the circulation of the new coronavirus.

KEYWORDS: Grindr. Gay men. Pandemic. Education.

RESUMEN

Este artículo, un extracto de una investigación de maestría, tiene como objetivo aprender sobre las prácticas de noviar/“quedarse” de los hombres gays que han estado usando la aplicación Grindr durante la pandemia. Para ello, hemos adoptado el método de la cartografía y entendemos que la labor investigadora del cartógrafo está abierta a la imprevisibilidad de las prácticas cotidianas al buscar seguir los procesos que configuran el relieve del paisaje. Con los subsidios teórico-metodológicos de la cartografía, hablamos con cuatro hombres gay a través de WhatsApp entre julio de 2020 y abril de 2021. Apostamos por la conversación online como procedimiento metodológico e interactuamos con los sujetos a través de una postura investigativa alternativa que valora la horizontalidad de las voces, es decir, buscamos romper con la idea de que los investigadores se sitúan en una posición de superioridad en relación con los interlocutores de la investigación. La conversación con los sujetos mostró que si bien existe una mayor conciencia de la población sobre los peligros del COVID-19, seguiremos observando a los jóvenes y adultos contribuyendo a que el nuevo coronavirus siga circulando.

PALABRAS CLAVE: Grindr. Hombres gay. Pandemia. Educación.

NECROPOLÍTICA E A PANDEMIA NO BRASIL: PALAVRAS INICIAIS SOBRE O CONTEXTO DA PESQUISA

A escrita deste texto acontece em um período bastante trágico de nossa história, marcado por milhões de mortes pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) em todo o mundo. Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia de COVID-19⁴, em março de 2020, fomos pegos de surpresa e não conseguimos, naquela ocasião, prever o quão impactante seria sua repercussão na vida das pessoas. A expectativa inicial era de que esse quadro pudesse se reverter dentro de alguns (poucos) meses, caso todos os protocolos de segurança fossem seguidos pela população. No entanto, nossa realidade atualmente é bastante diferente. Somente no Brasil, no mês de abril de 2021, foram registrados mais de quatro mil óbitos por COVID-19 no período de 24 horas⁵.

Logo no início, uma das expressões que marcaram a pandemia foi “novo normal”. Sobre o novo contexto pandêmico, surgem “dúvidas sobre o que fazer, como fazer, quando fazer. Devemos fazer alguma coisa? Devemos esperar? Podemos esperar? Temos tempo para esperar? Estamos no controle? Perdemos o controle? Estávamos, antes de isso tudo começar, controlando alguma

⁴ Organização Mundial da Saúde declara pandemia de COVID-19. Disponível em: <<https://is.gd/4fcmtF>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

⁵ Brasil registra mais de quatro mil óbitos por COVID-19 em 24 horas. Disponível em: <<https://is.gd/guo7J7>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

coisa?” (NOLASCO-SILVA; BIANCO; DELGADO, 2020, p. 348-349). Essas são algumas das questões que vêm nos acompanhando desde o início da pandemia, com a certeza de que essa ideia de um “novo normal” nos inquieta porque podemos cair na armadilha de naturalizar um cenário social de barbárie que não foi instaurado pela pandemia do novo coronavírus, mas que se agravou frente a ele.

Burke (2014) apresenta o conceito de “normal excepcional” para definir o interesse nos estudos dos ditos atípicos em casos específicos para entender a dinâmica dos mecanismos sociais. Dessa forma, há que se considerar que pessoas diferentes percebem, vivem e respondem de formas distintas às condições próprias de nossa época, afinal a ampla disseminação do novo coronavírus não foi algo programado/esperado e, quando aconteceu, trouxe e continua trazendo repercussões significativas nas práticas sociais da população.

Essa nova forma de encarar o cotidiano frente à disseminação do vírus e às recomendações da OMS pode ser considerada contraditória quando pensamos que, enquanto alguns sujeitos podem permanecer na segurança das suas casas, garantindo seus empregos e, conseqüentemente, a estabilidade financeira, outros precisam se arriscar fora de casa para sobreviver (SANTOS, 2020). A exposição nesses casos não é uma alternativa, mas uma necessidade. A pandemia, diante desse cenário, acaba não somente ampliando, mas escancarando as desigualdades socioeconômicas já presentes no Brasil (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020). Conforme reitera Kohan (2020), a pandemia vem sendo utilizada como instrumento da necropolítica, percebida como estratégia para assegurar a política da morte de modo mais seguro, econômico e rápido.

Essa estratégia necropolítica atinge justamente os sujeitos que não possuem escolhas, assim como aquelas/es que se enquadram nos empregos informais, no desemprego, nas ruas e nos espaços em que a mão de obra presencial é necessária para que o trabalho seja realizado. Com Mbembe (2018), entendemos que o exercício da necropolítica e da soberania se aplica principalmente pela “capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (p. 41). A discussão do autor, mesmo sendo realizada sob outras perspectivas e em um momento diferente da história, em muito se aproxima da realidade pandêmica brasileira. A descartabilidade dos sujeitos mencionada por Mbembe (2018) convida a uma reflexão sobre como alguns grupos sociais em situação de vulnerabilidade estão enfrentando a pandemia.

Devido ao alto poder de transmissão do vírus, uma das principais medidas recomendadas para evitar o contágio é o cumprimento do isolamento físico. Sobre esse isolamento, concordamos com as proposições de Henrique (2020), principalmente compreendendo que, embora estejamos vivendo um período pandêmico, a comunicação com outras pessoas permanece

acontecendo por meio das redes sociais digitais. Com as restrições impostas, em maior ou menor grau, à circulação e às interações físicas, tivemos que rever nossas práticas cotidianas. Dessa forma, para os sujeitos que possuem acesso à internet, os dispositivos digitais em rede forneceram importantes estratégias comunicacionais, garantindo a interação com outras pessoas de forma segura e na comodidade de suas residências; no entanto, reconhecemos que parcela considerável da população brasileira não possui qualquer tipo de acesso à internet (NOLASCO-SILVA, 2018).

As redes promovem a aproximação de sujeitos geograficamente dispersos, viabilizando a constituição de grupos *online* que se alinham em suas formas de pensar, experimentar e interpretar o mundo. Nesse período de quarentena, vem sendo um desafio atender às diversas demandas que compõem nossa existência em sociedade, sobretudo aos vínculos afetivos/sociais. Para tanto, as tecnologias digitais em rede foram amplamente usadas nos processos de sociabilidade com o objetivo de evitar novas contaminações. Aulas, eventos, consultas, encontros familiares, compras e entregas, apenas para citar algumas interações sociais, foram redesenhados durante a pandemia para fazer uso das tecnologias digitais em rede, reduzindo o contato físico, embora não impedindo a constituição de novos processos de sociabilidade mediados pelas interações *online*. Muitos aplicativos e serviços lançados no mercado antes da pandemia, como o Zoom, Skype, Microsoft Teams, Google Classroom e Google Meet, tornaram-se ainda mais populares em tempos de COVID-19, trazendo também novidades em seus serviços com o objetivo de atender às demandas sociais de uma nova realidade pandêmica.

Conforme Santaella (2008), rompemos a dicotomia entre o físico e o virtual/digital, passando ao que a autora denomina espaços “intersticiais”, nos quais o deslocamento físico não mais se apresenta como requisito para a promoção do contato entre seres humanos e o acesso a informações diversas. Dessa forma, não podemos desconsiderar as potencialidades comunicacionais engendradas pelas tecnologias digitais conectadas à internet (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017), ainda mais em tempos de pandemia, quando precisamos fortalecer nossos vínculos sociais e afetivos com outras pessoas, trocando afetos e intercambiando experiências diversas.

Por sua vez, os aplicativos destinados a conectar e promover encontros entre seus membros, como é o caso do Grindr, parecem ter seu propósito principal esvaziado frente às recomendações de isolamento físico. Ainda que concordemos com Miskolci (2014), para quem a possibilidade de busca (e ser buscado) constitua o elemento central de popularização de aplicativos como Grindr, há de se considerar que a recomendação do isolamento físico traz repercussões sociais que merecem um olhar atento.

A exposição ao vírus nos faz questionar quantas pessoas prefeririam estar seguras dentro de suas casas, mas que precisam estar nas ruas diariamente enfrentando a superlotação dos transportes públicos (entre outros locais/fatores de risco) para garantir sua própria sobrevivência. Com isso, não podemos negar o quanto as ações necropolíticas também são reiteradas por parte de um grupo de sujeitos que, embora possam usufruir do luxo da quarentena, trabalhando de casa, optam por não o fazer quando decidem marcar encontros usando aplicativos de namoro/“pegação”.

Como pesquisadores do campo da Educação, fazer pesquisa com seres humanos frente a novos e complexos desafios globais decorrentes da pandemia se impõe como um desafio adicional às nossas práticas investigativas. Dito isso, a COVID-19 vem se constituindo como um convite para que reflitamos sobre a constituição de novos cenários sociais que vêm se reconfigurando e que afetam diretamente os rumos da pesquisa conduzida na internet em parceria com os sujeitos. Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado recentemente finalizada, cujo objetivo foi conhecer as práticas de namoro/“pegação” de homens *gays* que vêm utilizando o aplicativo Grindr em tempos de pandemia.

Apresentamos a seguir a opção pela cartografia *online* como método da pesquisa e a conversa *online* como procedimento para interagir com os sujeitos do estudo. Posteriormente, discutimos o que disseram esses sujeitos sobre os usos de um aplicativo que é voltado principalmente para as relações presenciais, embora no contexto pandêmico seja recomendado o isolamento físico.

CARTOGRAFIA *ONLINE* E A CONVERSA COM OS SUJEITOS NO WHATSAPP

Apostar no método cartográfico significa que buscamos romper com uma ideia de pesquisa com procedimentos preestabelecidos, como uma espécie de passo a passo previsível a ser seguido (CARVALHO; POCAHY, 2020). Nessa direção, entendemos que o trabalho investigativo da/o cartógrafa/o encontra-se aberto à imprevisibilidade das práticas cotidianas ao buscar acompanhar os processos que formam o “relevo da paisagem”. Com Carvalho e Pochay (2020, p. 96), destacamos que a cartografia *online* nos permite realizar “a articulação entre saberes, discussões teóricas, acontecimentos cibercontemporâneos, práticas cotidianas e produção de subjetividades que compõem a ambiência de nosso presente”.

Com o método cartográfico, entendemos a necessidade de acompanhar os fenômenos que nos afetam e que nos inquietam como sujeitos e pesquisadoras/es. Afinal, a cartografia *online* traz a “oportunidade de nos colocarmos abertas/os ao mundo, acompanhando as transformações

sociais engendradas pelas dinâmicas da rede” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 334). Uma dessas dinâmicas sociais *online* é a reconfiguração dos processos de sociabilidade em tempos de pandemia, que desencadeou o aumento de atividades profissionais/pessoais mediadas pelo digital em rede.

A pesquisa foi atravessada pela pandemia de COVID-19, que redesenhou os interesses iniciais de investigação. Esse atravessamento viabilizou outros caminhos possíveis, os quais percebemos não como uma problemática a ser enfrentada, mas como uma potência para suscitar novas discussões para o campo de estudo. Nesse sentido, concordamos com as proposições de Paraíso (2014), para quem seguir um caminho demasiadamente delimitado e conhecido faz com que tenhamos dificuldade em sair do que foi previamente traçado.

Com os subsídios teórico-metodológicos da cartografia, investigamos os usos do aplicativo de namoro/“pegação” Grindr por quatro homens *gays* que se colocaram disponíveis para conversar pelo WhatsApp⁶ entre julho de 2020 e abril de 2021. Foram selecionados trechos dessas conversas com a intenção de refletir sobre os usos do Grindr durante a pandemia. Não buscamos atribuir juízo de valor ou julgar a forma como os usuários estão se relacionando afetivamente com outras pessoas, mas investigar sob uma relação de alteridade. Por motivos éticos e de segurança para os sujeitos participantes da pesquisa, os nomes utilizados neste texto são fictícios.

Apostar na conversa como procedimento metodológico é interagir com os sujeitos mediante uma postura investigativa alteritária que valoriza a horizontalidade das vozes, ou seja, buscamos romper com a ideia de que pesquisadoras/es colocam-se na posição de superioridade em relação aos interlocutores da pesquisa. Nesse sentido, concordamos com Ruani, Couto Junior e Amaro (2020) sobre a importância da parceria na produção do conhecimento, com as redes sociais constituindo-se como espaços importantes de interação com o outro.

Interagimos com os sujeitos desde o início reconhecendo-os como presenças vivas e não como objetos, resultando em um convite para tecermos reflexões e questionamentos de forma sensível sobre a realidade que vimos enfrentando; uma realidade que desencadeia “um movimento povoado por expectativas, alegrias, medos, angústias e estranhamentos” (SILVA; PARAÍSO, 2019, p. 5) que evidencia que não há uma zona de conforto na forma como fazemos/pensamos a pesquisa. Para isso, precisamos ter coragem para construir nossas metodologias com inventividade (PARAÍSO, 2014), apostando na parceria com os sujeitos para o aprendizado de novos conhecimentos.

⁶ O primeiro autor do texto vem conduzindo o trabalho de campo no WhatsApp.

SOBRE OS USOS DO GRINDR NA PANDEMIA: CONVERSANDO COM OS SUJEITOS

A pandemia atravessou a pesquisa e convidou-nos a repensar o andamento do caminhar investigativo, porque entendemos, com Paraíso (2014), que o ofício da pesquisa envolve o ato de recomeçar e analisar o percurso percorrido. Reconhecemos e reforçamos com isso nosso compromisso ético-político de continuar pesquisando em diálogo com as experiências cotidianas que nos tocam/afetam (FERRAÇO; ALVES, 2018), pois todo trabalho de pesquisa situa-se em temporalidades e espacialidades próprias, as quais constituem o percurso investigativo.

O Grindr, com sua tecnologia de geolocalização, é um aplicativo que promove a aproximação entre seus membros, intermediando o contato entre homens com base na proximidade relativa entre eles; essa tecnologia permite que todos saibam a que distância estão dos demais parceiros potenciais de interações (MISKOLCI, 2014). A primeira inquietação que nos motivou foi conhecer como os usuários desse aplicativo têm se posicionando frente à quarentena. Uma vez que a proposta do aplicativo é promover encontros físicos, tanto para namoro quanto para sexo casual, questionamo-nos sobre os usos da plataforma pelos sujeitos durante a pandemia.

O isolamento físico recomendado pela OMS afeta diretamente o uso de um aplicativo de namoro/“pegação” que incentiva o encontro presencial. Sobre isso, Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208) argumentam que a pandemia “separou muitos casais, amantes, *crushes*, amigos, modificou as paqueras e a vida sexual”. Dessa forma, é importante refletir sobre como têm sido as demandas de contato físico, no campo dos desejos e prazeres, por homens que buscam encontros com outros homens em um tempo no qual especialistas da saúde recomendam o isolamento físico.

Durante o trabalho de campo no WhatsApp, Rodney faz a seguinte pergunta: “E esse tesão em tempos de quarentena? O que fazemos?”. A partir da interpelação dele, voltamo-nos para uma análise sobre como a pandemia da COVID-19 vem alterando as práticas de namoro/“pegação” de homens que utilizam o Grindr. Nesse contexto, Rodney nos convida a conversar, apresentando um perfil do Grindr no qual se lia: “Cês tão ligados que coronavírus não resolve com PrEP⁷ né?”. Juntamente com a frase, uma foto de perfil de um rapaz utilizando máscara

⁷ A profilaxia pré-exposição de risco à infecção pelo HIV (PrEP), incorporada ao Sistema Único de Saúde (SUS) em 2017, é uma das formas de prevenção ao contágio disponíveis, constituindo-se como tratamento preventivo anterior à exposição (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

preta mostrava que as dinâmicas do aplicativo eram também impactadas pelas recomendações de saúde.

Rodney: *Oi, tudo bem? Olha isso... pessoal tá fogo na pandemia, neh!*

Pesquisador: *Oi! Que interessante... acho que o pessoal não está aguentando seguir a quarentena...*

Rodney: *Pois é, o tesão é maior rsrsrs*

Pesquisador: *Mas você acha que continuam marcando? Digo, o pessoal tem se encontrado mesmo com o isolamento?*

Rodney: *Lógico... acho que tem ainda mais gente usando o app*

Conforme a conversa é desenvolvida, Rodney faz uma comparação entre a exposição ao HIV e ao novo coronavírus que causa a COVID-19:

Rodney: *Eu entendo o que ele quis dizer, a COVID não temos como prevenir, o HIV temos, então a questão é que não dá para se arriscar.*

Pesquisador: *Tah, mas são coisas diferentes, digo, de um lado estamos falando de uma doença sexualmente transmissível e de outro de uma pandemia causada por uma síndrome respiratória... não sei se entendi ainda*

Rodney: *Cara, pensa no contato e na possibilidade de sexo... pessoal aqui marca, transa e não se preocupa muito mais com doenças... faz com e sem camisinha com qualquer um, e todo mundo diz que usa esse tal de PrEP. Agora, o coronavírus veio quebrar isso.*

Pesquisador: *Acho que entendi melhor, mas ainda assim me confunde um pouco esta relação. Claro que entendi o ponto de vista dele, está marcando uma posição e talvez até fazendo uma crítica ao sexo sem camisinha, mas ainda não estou certo...*

Se em um primeiro momento a advertência faz pensar na necessidade de não marcar encontros com outras pessoas em um momento tão sensível, por outro lado a comparação com o uso do PrEP nos remeteu à pandemia do HIV, que marcou tão forte e negativamente a história da comunidade *gay* no Brasil (LAURINDO-TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015). Sobre esse período, Trevisan (2018, p. 422) relata: “quase transformados em algozes da humanidade, os homossexuais sofreram, sobretudo em sua estrutura emocional, as ressonâncias sociais da Aids”.

Dentro das possibilidades de informação possíveis de serem preenchidas para a construção de um perfil criado no Grindr, existe a de informar quais métodos de prevenção e/ou tratamento o usuário utiliza, sendo o PrEP um deles, bem como a data do último teste de HIV realizado pelo dono do perfil; no entanto, cabe lembrar que essas não são informações obrigatórias para a criação de um usuário nessa rede. O Grindr também disponibiliza informações sobre o HIV na forma de *pop-ups* e em seu *site* oficial⁸.

⁸ Disponível em: <<https://www.grindr.com>>. Acesso em: 1 abr. 2021.

Carlos, convidado a oferecer sua percepção sobre a afirmação “Cês tão ligados que coronavírus não resolve com PrEP, né?”, presente no perfil apresentado por Rodney, argumenta:

Carlos: Acho que é bem por aí. Poh, gente sem noção... se pondo em risco desnecessariamente.

Pesquisador: Eu entendo a questão do contato e se contaminar, mas você não achou um pouco crítico?

Carlos: Tem que ser, neh... não sei nem para que estão usando esse aplicativo agora, não têm que marcar nada enquanto estivermos isolados.

Pesquisador: Ah, mas você acha que a única possibilidade do aplicativo é o contato real?

Carlos: Ah, sim, neh, apesar de ter muita enrolação, o objetivo é encontrar. Não precisa ser sexo, mas é para estar junto de alguém.

Pesquisador: Então você nem tem usado o aplicativo?

Carlos: Hahaha praticamente não. De vez em quando dou uma olhada, mas tô até sem cabeça pra isso. Me dá raiva esse povo sem noção.

Carlos endossa a relação, criada pelo perfil em análise, entre os riscos de contágio e a possibilidade de encontro físico propiciada pelo aplicativo. Se para o sexo sem preservativo hoje é possível o tratamento com o PrEP, no caso da COVID-19 somente a vacina poderia permitir que a população saísse do isolamento físico com maior segurança. Ressaltamos que a Campanha Nacional de Vacinação contra a doença iniciou-se no dia 17 de janeiro de 2021, porém com enorme lentidão. Em julho, estávamos com 47% da população vacinada com a primeira dose e pouco mais de 16% com as duas doses (ou com a vacina de dose única)⁹. Além da insuficiência no número de doses de vacina, com o alto número de internações e casos confirmados, em muitos momentos faltam leitos nos hospitais, medicamentos, respiradores e outros recursos importantes para que não haja colapso na área da saúde.

Para Miskolci (2014), é a busca e não o contato físico que constitui o grande atrativo dessas plataformas de namoro/“pegação”. Não obstante, a possibilidade da marcação do encontro físico em plena pandemia, por ser desencorajada por muitos, frustra o interesse e as expectativas de alguns de seus membros. Ainda assim, Carlos incorpora, com sua “olhada”, a perspectiva da busca e visibilidade descrita por Miskolci (2014), sugerindo que, em tempos pandêmicos, existem usuários que vão buscar maior visibilidade de si no aplicativo no lugar de marcar encontros presenciais.

Thiago também apresenta seu posicionamento sobre a possibilidade de encontros presenciais e de interação com outros homens no aplicativo durante o período da pandemia:

⁹ Monitoramento COVID-19 Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://is.gd/bft5zY>>. Acesso em: 2 jul. 2021.

Thiago: *eu evitava falar com pessoas muito próximas. Eu não gostava de passar por alguém na rua depois. E acho [que] outras pessoas pensam igual, pois antes não conversava com ninguém de muito perto. Nem eu chamava nem era chamado, talvez por vergonha, não sei.*

Pesquisador: *Ah, me conta mais disso, você começou a falar com pessoal mais próximo, é isso?*

Thiago: *Exato, da mesma rua inclusive. Tinha um cara que até via às vezes aqui na rua que estava sempre on. Como falei, não chamava para evitar mesmo, agora já conversei com 3 que são daqui. Tá sendo ótimo, pois rolou uma amizade mesmo, e isto é bom, já que moramos perto. A verdade que hoje em dia nem conhecemos nossos vizinhos direito, isso foi algo bom. Acho que se não fosse a pandemia haveria a pressão de encontrar e pra sexo, isso amenizou bastante e agora as conversas tão fluindo mais.*

Quando pensamos na mediação das tecnologias digitais em rede para agregar sujeitos geograficamente dispersos, em geral somos levados a pensar em distâncias maiores que o contato com nossos vizinhos. Desse modo, ao se criar um perfil nesse aplicativo, é possível visualizar instantaneamente os perfis mais próximos ao seu. Tal ação visa justamente privilegiar a possibilidade de contatos físicos ao priorizar a distância espacial como critério para visualização de possíveis interlocutores (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2013). Assim, o desenvolvimento do aplicativo e de suas funcionalidades foi pensado e direcionado para uma realidade móvel nas interações ciberculturais levando em consideração que, “com a atual fase dos computadores ubíquos, portáteis e móveis, estamos em meio a uma mobilidade ampliada, que potencializa as dimensões físicas e informacionais” (LEMOS, 2011, p. 17).

Porém, conforme nos aponta Thiago, com a pandemia, a triangulação mostra-se restrita à vizinhança do utilizador. Se antes era possível visualizar o perfil de homens que estavam próximos ao seu local de trabalho, estudo, lazer etc., para Thiago, que vem cumprindo a quarentena em casa e está saindo somente quando necessário, alguns vizinhos passaram a ser vistos com maior recorrência por ele. Dessa forma, se a distância espacial torna-se gradativamente irrelevante para o estabelecimento de contatos e interações *online* entre pessoas (SANTAELLA, 2018), para Thiago, a certeza do “não encontro” o fez “encontrar” alguns homens que moram próximo à sua residência.

Para outros membros do Grindr, o risco de contágio pela COVID-19 não desencorajou que alguns usuários marcassem encontros presenciais, conforme aponta André:

André: *Não têm essa de quarentena pra mim. Eu tenho que sair pra trabalhar mesmo, então não mudou muito, só tenho que sair de máscara.*

Pesquisador: *Entendo, mas você têm ido somente trabalhar ou mantém as saídas e encontros?*

André: *Rotina normal. Acho até um pouco de frescura isto. Quer dizer sei que ta rolando essa doença, mas sou jovem, não to no grupo de risco nem em contato com ninguém que esteja, então não vejo perigo.*

Pesquisador: Bom, não é o que vem sendo recomendado. A pandemia não afetou em nada para você o uso do aplicativo?

André: No início, bem no início sim, ninguém queria marcar, mesmo eu tendo local. Agora não. Antes tinha muita gente colocando no perfil fotos de máscaras e falando que estava de quarentena, mas isso já passou, tá geral se pegando já rsrs.

Nessa conversa, é possível constatar um equívoco com relação à transmissão e/ou evolução para quadros mais graves apenas entre pessoas do grupo de risco. André acredita estar fora de perigo na pandemia por ter apenas 23 anos de idade e não apresentar comorbidades. Tal pensamento é ainda mais grave quando lembramos o quanto a saúde pública sofreu com a falta de leitos, vacinas e medicamentos; tampouco poderíamos deixar de mencionar aqui a fala do próprio presidente da República que, em seu pronunciamento do dia 24 de março de 2020¹⁰, logo no início do surto de COVID-19 no Brasil, evocava seu “histórico de atleta” alegando que, caso contraísse o vírus teria apenas os sintomas de uma “gripezinha” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021). Conforme destaca Kohan (2020), as falas do presidente contribuem para uma retórica negacionista que alimenta a banalização da doença e a naturalização das mortes.

Percebemos também um afrouxamento na percepção com relação às medidas de prevenção, como uso de máscaras e isolamento físico até mesmo no interior do aplicativo. Conforme informa André, se antes circulavam mais informações entre a comunidade no Grindr, gradativamente as fotos utilizando máscaras e a informação do usuário de estar em quarentena foram sumindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O isolamento físico imposto pela pandemia da COVID-19 apresentou uma realidade inédita. A recomendação das/os profissionais de saúde para evitar o contato físico com outras pessoas causou grandes mudanças em nossos cotidianos. Em um primeiro momento, propor reflexões sobre as interações em rede mediadas por um aplicativo de namoro/“pegação” para o público *gay* parece algo deslocado do momento presente: se estamos em meio a uma pandemia, a possibilidade de encontro, principalmente com “desconhecidos”, parece imprópria para o contexto. Porém percebemos que as realidades são mais complexas que isso. A necessidade de contato físico não desaparece quando se declara a necessidade de restrição de encontros presenciais.

¹⁰ O pronunciamento pode ser assistido na íntegra no YouTube. Disponível em: <<https://bit.ly/3neNCvw>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Considerando a ação de buscar e ser buscado como forte motivador para o uso de aplicativos de namoro/“pegação” (MISKOLCI, 2014), foi relatada pelos sujeitos da pesquisa a marcação de encontros presenciais mesmo durante o período da pandemia, embora eles reconheçam os perigos de uma possível contaminação pelo novo coronavírus. Se, por um lado, conforme apresenta Santaella (2018), as distâncias físicas vêm sendo rompidas com a mediação das tecnologias digitais em rede, por outro identificamos que o desejo pelos contatos físicos para fins de namoro/“pegação” na pandemia ainda é forte. As tecnologias aproximam indivíduos espacialmente dispersos, no caso específico das relações no Grindr, entretanto percebemos como bastante latente a expectativa do deslocamento geográfico para promoção de encontro presencial, ainda que em alguns casos o encontro físico não ocorra.

A apresentação de uma relação entre a pandemia de HIV e de COVID-19 é outro ponto que chama a atenção. A pulsão pelo contato sexual físico e a intrínseca relação entre a sexualidade homoerótica e o histórico de luta e combate ao surto de HIV/AIDS são muito próximas (LAURINDO-TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015). Nos dois casos, o vírus é associado ao contato desprotegido e encontra no ato sexual carnal uma forma de se espalhar. Evidencia-se assim a manutenção da memória entre a vulnerabilidade relativa de homens *gays* a doenças sexualmente transmissíveis, exposta na conversa sobre o uso do PrEP. Cabem-nos, então, algumas indagações reflexivas: 1) Faltam campanhas específicas para a população LGBTQIA+ sobre os riscos da COVID-19?; 2) Quais estratégias os aplicativos de namoro/“pegação” vêm adotando para informar as/os usuárias/os sobre os cuidados e riscos da marcação de encontros presenciais em plena pandemia?; 3) Como viver o desejo, o afeto e o sexo durante um período de pandemia?; e 4) Como pensar políticas de isolamento físico que considerem tal necessidade?

Ainda sobre a vulnerabilidade de grupos específicos durante a pandemia, o fator classe se fez presente. A falta de preparo e ação efetiva do governo brasileiro gerou não apenas desemprego, mas uma realidade de trabalhadoras/es se aglomerando em transportes públicos e locais de trabalho. Cabe então questionar as possibilidades reais de cuidado/isolamento físico que nossa sociedade permite a cada um/a. Se nos expomos diariamente para manter a “economia girando” (CARRARA, 2020), por que uma postura diferente deve ser cobrada ao mesmo grupo no momento dos afetos e de lazer?

No momento em que realizamos as reflexões finais deste artigo, nos foram apresentados resultados de uma pesquisa promovida pelo Grindr e disponível em sua página oficial. Em uma seção específica intitulada *Romance in the age of Covid*¹¹, a página apresenta resultados de pesquisa comportamental relacionada a práticas sexuais e uso do aplicativo durante a

¹¹ Disponível em: <<https://www.grindr.com/covid/>>. Acesso em: 16 maio 2021.

quarentena por 10.000 membros espalhados por Reino Unido, Estados Unidos, Brasil, México e Índia. O *site* apresenta percentuais relativos a perguntas sobre saúde sexual e mental, sexo virtual, conversas *online* e prevenção contra a COVID-19, seguidos de uma seção de “perguntas e respostas”. Não cabe aqui analisar os percentuais apresentados pela pesquisa, pois faltam informações detalhadas sobre a metodologia do estudo. No entanto, consideramos que as seguintes reflexões são relevantes para este trabalho:

1. Não foi encontrada divulgação no aplicativo sobre a referida pesquisa nem possibilidade de acompanhar o conteúdo;
2. Entre as recomendações propostas está a proteção para encontros casuais seguros entre membros do aplicativo;
3. Informações relacionadas à interrupção do uso do PrEP durante o período de recomendação de isolamento físico (supostamente para pessoas que irão cumprir a recomendação de isolamento) e de reforço às medidas de prevenção ao HIV/AIDS.

Assim, ainda que consideremos toda forma de informação sobre a COVID-19, é imperativo afirmar que até o momento não existe forma segura de contato físico e que a presença de “dicas” para redução dos riscos de contágio durante um encontro casual entre membros do aplicativo reforça a relação entre capitalismo e necropolítica em tempos de quarentena. Somado a isto, o estudo encontra-se escrito em inglês, sem tradução para o português, embora parte dos dados da pesquisa tenham sido produzidos no Brasil.

Se no início da pandemia pensava-se que o vírus disseminava-se sem discriminação entre as pessoas (BUTLER, 2020), o que vemos na prática são ônibus lotados de trabalhadoras/es, as/os quais diariamente são expostas/os ao risco de contágio. Isso significa que o novo coronavírus atinge mais fortemente as pessoas que integram os estratos socioeconômicos menos favorecidos (SANTOS, 2020). Não por acaso, a primeira morte pela COVID-19 no Brasil foi de uma empregada doméstica de 63 anos no Rio de Janeiro, contaminada em seu local de trabalho, impedida pela “mão invisível do mercado” de permanecer em casa, em segurança. O vírus foi transmitido pela sua patroa, que havia retornado de uma viagem à Itália, que na época do ocorrido registrava o maior número de mortes pela doença no mundo.

Conforme Carrara (2020), o preço da manutenção dos empregos e do funcionamento da economia passa pela exposição dos mais pobres e vulneráveis ao vírus. Temos, assim, ao contrário do que defendeu Žižek (2020), ao menos sob a ótica periférica de mundo na qual vivemos, a pandemia não representou um “golpe certo” no capitalismo; longe disso, acentuou a desigualdade ao extremo de decidir quem pode e quem não pode se proteger. Enquanto não houver maior conscientização da população sobre os perigos do SARS-CoV-2,

continuaremos preocupadas/os com a sua disseminação em massa e, conseqüentemente, com o aumento do número de infecções, internações e óbitos.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandine Gerhardt, Roneide Venâncio Majer e Roerto Ferreira Leal. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2012. 339 p.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, Pablo (Org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos em tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 59-66. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CARRARA, Sérgio. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300201, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3j8wXrf>>. Acesso em: 27 set. 2020.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Cartografias ciberculturais da formação docente: experimentações autorais na disciplina de educação estética. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3blYJvG>>. Acesso em: 10 maio 2020.

COUTO, Edvaldo; SOUZA, Joana. Dourado. França. de, NASCIMENTO, Sirlaine. Pereira. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. **Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas/SIMSOCIAL**. Salvador, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/35zclEW>>. Acesso em: 12 set. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso em: 15 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

HENRIQUE, Trazíbulo. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPtG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/388Jhn1>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da Aids no Brasil. v. 1**: As respostas governamentais à epidemia de Aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

LEMONS, André. Mobilidade e espaço urbano. In: BEIGUELMAN, Giselle; La FERLA, Jorge. **Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2011.

MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37WedIs>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2VmiFZs>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. “Os olhos tristes da fita rodando no gravador”: as tecnologias educacionais como artesanias docentesdiscentes. 2018. 205f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; BIANCO, Vittorio Lo; DELGADO, Matheus Franco. A pedagogia do vírus: cotidianos e educações não presenciais. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 348-365, jun./out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3qKTQVe>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan. A conversa online como procedimento metodológico na pesquisa com masculinidades dissidentes na

cibercultura: notas teórico-metodológicas. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 205-218, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2J9GiPs>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 28-35, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/3dY8rGE>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-21, out./dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2t5wHES>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de COVID-19: o caso #Fechadocombolso(l)naro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 328-347, jun./out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3h4A7fP>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. **Comunicologia**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-101, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3lE462k>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill.... In.: AMADEO, Pablo (org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos en tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 21-28. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 12 set. 2019.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.